

A LOUCURA NAS NOVELAS DE LUIGI PIRANDELLO E MACHADO DE ASSIS

Sandra Dugo (Univ. di Roma Tor Vergata)¹

Resumo: : O estudo comparado entre Luigi Pirandello e Machado de Assis procura examinar as relações e as coincidências entre dois escritores geograficamente tão distantes, quanto involuntariamente próximos. Como se sabe, eles nunca tiveram a oportunidade de confrontar-se, porque não se conheceram, apesar disso os dois escritores tratam assuntos similares, e cada um desconhecia a existência de outro, além do Oceano. Pretende-se analisar o tema da loucura em ambos os autores, a partir dos estudos sobre a fragmentação irreversível da consciência humana, e o conflito do indivíduo consigo mesmo e com a sociedade nas obras de Pirandello.

Palavras-chave: Luigi Pirandello, Machado de Assis, a loucura, intertextualidade, aspecto psicanalítico.

O médico alienista e o alienado Belluca

Luigi Pirandello e Machado de Assis viveram na época em que na Europa iniciava-se a descobrir e reconhecer a loucura como doença mental, até àquele momento desconhecida; de fato, nos séculos XV, XVI e XVII as pessoas que manifestavam a doença, foram acusados de atos criminosos, de heresia e de bruxaria e condenadas à morte, porque consideradas perigosas para a comunidade. No século XIX será frequente o isolamento carcerário. O nascimento da psiquiatria e da psicanálise freudiana modificou totalmente este contexto social.

Propõe-se a análise crítica a partir da comparação entre as novelas *O Alienista* de Machado e *O trem apitou* de Pirandello. Em geral, as personagens de outras obras simbolizam diversos tipos humanos do mundo real, partindo do indivíduo marginalizado pela sociedade para suas escolhas erradas e insensatas, chegando aos aspectos mais complicados do ser humano, o qual parece quase autodestruir-se. As personagens de Pirandello e aquelas de Machado são criadas por a fantasia dramática dos autores, uma criatividade narrativa que parece aderir à realidade tangível, como se a vida fosse o palco teatral da existência humana. Vamos aprofundar o aspecto psicanalítico e sociológico, a diferença dos estudos italianos que, até agora, apresentam uma análise sistemática do texto teórico, baseada na interpretação crítica e literária e na estética teatral. Neste contexto, as interpretações dos pesquisadores brasileiros abrem novos horizontes de estudos teóricos e literários, aos quais vai ajuntar-se uma

¹ Graduada em Letras (Università degli Studi di Roma “Tor Vergata”), Mestre em Letras e filosofia (Univ. degli Studi di Roma “Tor Vergata”). PhD em Italianistica (Univ. degli Studi di Roma “Tor Vergata”) Dupla Titulação: Doutorado em Letras Língua Literatura e Cultura Italianas (USP-FFLCH San Paolo, Brasile). Contato: sd3ugo22@gmail.com.

interessante visão sociológica, que nos conduz em novos percursos para a compreensão do ser humano, de seus limites, da relação difícil com a realidade social e do conseqüente “umore nero”, através do qual o indivíduo enfrenta com firmeza o seu destino inimigo. Neste caso, para compreender as analogias e as diferenças, é possível comparar algumas novelas, explicando as relações e correspondências, analisando cada trecho correspondente com outro. Considerando os conceitos levantados, perguntamos o porquê das relações, qual é a origem desse “encontro”. Trata-se de um percurso transoceânico? Pretende-se responder a estas questões.

De fato, o encontro virtual entre dois escritores que não se conheceram, mostrar-se rico de elementos comuns, porque Itália e Brasil não são muito longe, e porque a crise do indivíduo é uma questão comum do mesmo período histórico, durante o qual o nascimento da psiquiatria foi um acontecimento importante na história da ciência médica.

Pretende-se comparar os trechos da novela machadiana com *O trem apitou*, relendo ainda os artigos de Pirandello publicados nos jornais da época, em que se apresentam os elementos comuns com Machado, aprofundando primariamente o tema da loucura, através da intertextualidade existente.

Os dois escritores representam duas realidades sociais e culturais diferentes, contudo observamos um fio conceitual comum; é verdade que eles são geograficamente distantes, mas involuntariamente próximos. Certamente eles nunca tiveram a oportunidade de confrontar-se, não se conheceram, lembramos que Machado de Assis faleceu em 1908, enquanto Pirandello publicava *O Humorismo*. Há um paralelismo com a ironia machadiana, apesar disto os assuntos comuns desenvolvidos nas obras deles são: a fragmentação irreversível da consciência humana, o conflito do indivíduo consigo e com a sociedade, uma condição que torna-se revolta.

O objetivo deste estudo comparado é compreender as correspondências entre os dois escritores e explicar as diferenças. É importante esclarecer que os intelectuais brasileiros desse período tinham interesse para a cultura italiana e europeia, viajavam para conhecer a literatura, a música e a arte francês e italiana, pelo contrário na mesma época na Itália a cultura brasileira era desconhecida; na verdade os estudos sobre a literatura e a cultura são recentes. Daí, a hipótese que Pirandello foi inspirado por Machado é impossível, de fato a viagem do dramaturgo italiano ocorreu no ano de 1927,

quando Machado já tinha falecido vinte anos atrás. Além disso, o escritor italiano já argumentava o tema da loucura usando a sua imensa criatividade junta a experiência de excelente romancista.

Prefero analisar o tema da loucura em ambos os autores e explicar o que pode ter inspirado os dois escritores para levar a refletir sobre estes assuntos. Proponho os contos breves bastante conhecidos, para a leitura comparada: *O Alienista* de Machado (1882) e a novela pirandelliana *O trem apitou* (1914).

Comparando Simão Bacamarte com a personagem pirandelliana Belluca, observamos que os dois contos têm assuntos comuns, mas as personagens são diferentes. Com Machado assistimos a passagem de vários tipos humanos, representados e personificados por as personagens internados pelo alienista. Simão marginaliza e aparta estes indivíduos da sociedade, para ter feito escolhas erradas, transgredindo o comportamento considerado normal por Bacamarte. O médico alienista examina de modo obsessivo os aspectos mais complexos do ser humano, e vai encerrar muitas pessoas na Casa Verde, depois, em fim, ele chega á própria autodestruição num epílogo dramático, aplicando as próprias teorias a si mesmo e descobrindo o insucesso do seu experimento científico e enfrentando ao final o êxito frustrante. De maneira similar, na novela pirandelliana *O sopra*² (1934), o protagonista chega a autodestruição.

Trata-se de coincidências? Não há dúvida de que a loucura foi um tema que atraiu atenção de dois escritores, pensamos, por exemplo, sobre *The picture of Dorian Gray* de Oscar Wilde (1890), considera-se que foi a fase do romance gótico e fantástico; a literatura gótica foi a base do gênero literário de horror e do romance policial, e emfim do filme fantástico e de romances norte-americanos, conhecidos como “Thrillers médicos” no XX século. Daí, nota-se como o tema da loucura suscitou interesse em diferentes culturas e estimulou a reflexão crítica sobre a doença mental.

Assim, o desenvolvimento destes tipos de narrativa é muito complexo; no caso particular do conto machadiano as teorias científicas sobre a doença mental são importantes para o alienista, ao ponto tal que ele fica condicionado por estas, e desde o início o leitor compreende que Simão está conduzindo um experimento científico, com

² *Soffio* é o título italiano de *O sopra*, novela publicada na coleção *Berecche e la guerra* (1934). A primeira edição *Novelle per un anno* foi publicada no 1922, mas os 250 contos foram escritos entre 1884 e 1936 e publicados em seguida. PIRANDELLO, Luigi. *Il meglio dei racconti di L Pirandello*, Mondadori: Milano, 1993, pp. 999-1013.

o objetivo de cuidar os indivíduos doentes, voltá-los a ter uma vida normal, até a fase que ele acredita ser a normalidade. Mas é difícil estabelecer o confinamento entre razão e loucura e a recuperação é mais complexa e difícil, também quando acredita de ter cuidados e liberados todos os pacientes. Ao final, de um lado alternam-se o assombro e a maravilha da comunidade para os resultados positivos, mas de outro aflora a desconfiança de Simão para si mesmo: ele duvida da validade do seu experimento científico e do resultado obtido.

Apesar das temas comuns entre Pirandello e Machado, há uma diferença substancial: Machado é indiferente e alheio diante da personagem, às vezes expressa ironia cruel, parecendo quase cínico, enquanto Pirandello mostra piedade e compaixão para as personagens, ainda que cria uma vida inimiga e adversa para eles.

O limite entre razão e loucura

O alienista é um homem frio e insensível diante aos sentimentos, como aparece na descrição deste trecho. O seu olhar é glacial como aquele do cientista que examina os átomos, um olhar metálico.

E não se irritou o grande homem, não ficou sequer consternado. O metal de seus olhos não deixou de ser o mesmo metal, duro, liso, eterno, nem a menor prega veio quebrar a superfície da fronte quieta como a água de Botafogo. [...] virgulando as falas de um olhar que metia medo aos mais heroicos. (ASSIS, 1994, p. 6).

O monólogo é constituído por adjetivos que descrevem o caráter implacável e cruel do alienista que, não por acaso, desenvolve a teoria da loucura e inicia atuar o experimento científico.

O alienista fez um gesto magnífico, e respondeu: Trata-se de coisa mais alta, trata-se de uma experiência científica. Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha ideia; nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante. Trata-se, pois, de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da Terra. A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente. (ASSIS, 1994, pp. 8-9)

Qual é a significância da reflexão de Simão Bacamarte? Certamente o desconforto do indivíduo no enfrentar as dificuldades da vida e os tentativos de mudar o próprio destino são as causas características que convencem Simão a decidir o internamento na Casa Verde, como se fosse uma punição para aqueles que erram e que não conseguem

viver aquela vida que a sorte escolheu para eles. Certas personagens são envolvidas no projeto absurdo dele: uma mulher é internada porque exprime a sua opinião; Costa é internado porque não conseguiu administrar o próprio capital, depois ter perdido tudo o seu dinheiro. O sequeiro Mateus tem a culpa de mostrar uma expressão diferente da habitual. Assim, lendo o seguinte trecho, a nossa pergunta é: haverá o conflito entre razão e loucura?

Simão Bacamarte refletiu ainda um instante, e disse: “Suponho o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarcemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia”.

O Vigário Lopes a quem ele confiou a nova teoria, declarou lisamente que não chegava a entendê-la, que era uma obra absurda, e, se não era absurda, era de tal modo colossal que não merecia princípio de execução. “Com a definição atual, que é a de todos os tempos”, acrescentou, “a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde uma acaba e onde a outra começa. Para que transpor a cerca?” (ASSIS, 1994, pp. 9-10)

De qualquer modo, Machado exprime simbolicamente a condição de isolamento do indivíduo com o internamento na Casa Verde, enquanto Pirandello cria histórias em que a solidão é representada pelo isolamento da personagem; o afastamento do círculo social ocorre por causa das suas ações transgressivas diante das regras de vida comum. “A Casa Verde é um cárcere privado” onde é internado quem transgrediu o normal comportamento imposto pela sociedade, como se o internamento fosse um castigo ou uma punição. A esse respeito, pensamos ao conquistador das mulheres, o mulherengo Martin Brito; a sua culpa é paquerar a esposa do alienista, dona Evarista. Observamos como o ciúme é o motivo fundamental que causa o internamento, neste caso o sentimento humano de raiva e infelicidade é um ato transgressivo ao comportamento imposto pela sociedade.

Após muitos internamentos o narrador onisciente comenta: “não se sabia já quem estava são, nem quem estava doido [...] Positivamente o terror. Quem podia emigrava. Um desses fugitivos chegou a ser preso a duzentos passos da vila” (ASSIS, 1994, p. 16). Difunde-se o terror de ser internados na prisão da Casa Verde para ter transgredido o comportamento que a sociedade julgava correto, segundo a convicção do alienista. Gil Bernardes, homem excessivamente cortês, foi internado porque fugia, para ter tido

medo, depois de um período de sombreamento e vigilância do alienista. De fato a revolta da personagem machadiana pode ser comparada com o tentativa de fuga das personagens pirandellianas, os quais devem enfrentar a crise de identidade. No desenvolvimento rápido dos acontecimentos observamos a metamorfose do sentimento de terror em revolta, ao ponto tal que os cidadãos apresentam uma petição para enviar embora o alienista tirano e cruel. Não por acaso, o barbeiro Porfirio expõe a petição na sua loja sem resultado positivo, por enquanto a revolta será bloqueada, enfim os cidadãos acham que o mesmo alienista é louco. Neste contexto, observamos que a loucura nasce da absurdidade da existência humana em ambos escritores. Para eles a ciência pode resolver cada caso de loucura cuidando. O alienista vai internar também a sua esposa porque descobre a sua indecisão na escolha do vestido mais lindo. Em seguida, muitas pessoas são internadas ao ponto tal que os 4 quinti da população de Itaguaí é fechada na Casa Verde. No entanto, o experimento científico de Simão Bacamarte consiste no internamento das pessoas para melhorar o resultado da pesquisa sobre a patologia cerebral, mas como alienista não quer renunciar a ciência e fecha-se na Casa Verde.

Além disso, vamos refletir sobre a característica machadiana mais interessante para mim, estou pensando sobre a distinção em classes sociais; provavelmente as experiências pessoais foram determinantes, ser mulato parece uma doença tanto quanto a epilepsia. No mesmo modo, Pirandello vive a triste experiência pessoal que influenciou em parte a criação de várias personagens. Então, os loucos machadianos são divididos em classes distintas, separando os indivíduos segundo critérios diferentes da condição econômica, que, de fato, nunca é mencionada no romance; para Machado a distinção não é social, mas é individual e relacionada com a virtude moral superior, que, por absurdo, deve ser desaprovada, combatida e enfim censurada com o internamento para a frieza cínica de Simão Bacamarte. A terapia aplicada consiste na imposição do sentimento contrario, assim como uma prescrição obrigada. Percebemos uma absurdidade e contradição no narrador, como sucede no mundo real, porque é verdade que a vida é feita de contradições.

Estando os loucos divididos por classes, segundo a perfeição moral que em cada um deles excedia às outras, Simão Bacamarte cuidou em atacar de frente a qualidade predominante. Suponhamos um modesto. Ele aplicava a medicação que pudesse incutir-lhe o sentimento oposto;

e não ia logo às doses máximas, graduava-as, conforme o estado, a idade, o temperamento, a posição social do enfermo. (ASSIS, 1994, pp. 32-33)

Neste contexto a ironia de Machado é o elemento da técnica narrativa que não podemos ignorar. Padre Lopes foi cuidado depois ter apresentado ao alienista a análise e a leitura interpretativa da versão dos Setenta, é absolvido da culpa de ser alienado

Sabendo o alienista que ele ignorava perfeitamente o hebraico e o grego, incumbiu-o de fazer uma análise crítica da versão dos Setenta; o padre aceitou a incumbência, e em boa hora o fez; ao cabo de dois meses possuía um livro e a liberdade. (ASSIS, 1994, p. 33)

Mas, ainda que o resultado do estudo é que todos os pacientes foram cuidados bem, o alienista fica certo, sem dúvida, que eles continuam a ser loucos. “Mas deveras estariam eles doidos, e foram curados por mim, - ou o que pareceu cura não foi mais do que a descoberta do perfeito desequilíbrio do cérebro?” (ASSIS, 1994, p. 34). Como vemos adiante na narração, ele aplica a cura também a si mesmo para a terrível dúvida sobre a validade das próprias teorias, ao ponto tal de acreditar de ser alienado e por isso fecha-se na Casa Verde

Mas o ilustre médico, com os olhos acesos da convicção científica, trancou os ouvidos à saudade da mulher, e brandamente a repeliu. Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. (ASSIS, 1994, p. 36).

O motivo que causa a crise ao médico é o juízo dos outros como um homem que tem perfeito equilíbrio mental e moral; portanto ainda que ele não tem nenhum defeito, esta é uma imagem dos outros, mas é diferente da consideração do alienista para si mesmo, por isso Simão não pode acreditar que essa imagem é o seu perfil pessoal e como homem acredita-se de ser diferente respeito a visão que os outros têm dele: “Estudo-me e nada acho que justifique os excessos da vossa bondade” (ASSIS, 1994, p. 35). Por outro lado, sendo um analista, percebe que o seu experimento científico falhou e começa a sua crise, a derrota das suas teorias científicas não se acordam com a fragilidade do ser humano, por isso ele está percebendo a cisão da própria personalidade, e não consegue enfrentar a separação entre o homem e alienista, ao ponto tal que parece nos reconhecer uma personagem pirandelliana alienada, insegura, sem orientação enquanto está vivendo numa realidade desconhecida.

Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto. Duvidou logo, é certo, e chegou mesmo a concluir que era ilusão; mas, sendo homem prudente, resolveu convocar um conselho de amigos, a quem interrogou com franqueza. A opinião foi afirmativa. Nenhum defeito? “Nenhum”, disse em coro a assembleia. Nenhum vício? “Nada”. Tudo perfeito? “Tudo”. “Não, impossível”, bradou o alienista. “Digo que não sinto em mim essa superioridade que acabo de ver definir com tanta magnificência. A simpatia é que vos faz falar. Estudo-me e nada acho que justifique os excessos da vossa bondade. (ASSIS, 1994, p. 35)

A explicação de Padre Lopes: o alienista não pode reconhecer o perfil do seu caráter no juízo dos outros, ou seja na imagem que os outros descrevem de ele, porque o alienista tem a virtude da modéstia. Porém, ele é um cientista e não pode admitir o erro e nem ser modesto. Ele acha de representar o primeiro exemplo de uma nova teoria científica de doença cerebral. A ciência é fundamental para o medico, mais de tudo e de si mesmo. Vejamos que a alienação e a cisão da identidade envolvem Simão, o qual vai falecer dezessete meses depois da auto-reclusão. Auto-crítica, imperfeição e falha das suas teorias científicas tornam impossível responder a pergunta: o que é o limite entre razão e loucura, porque para Machado de Assis não há um limite racional. De maneira similar as outras temáticas têm um fio conceitual comum com Pirandello: o contraste entre verdade e hipocrisia, o conflito do indivíduo com a sociedade, o homem vale quanto um átomo.

Pirandello *O Trem apitou*

Como exemplo de aproximação temática, gostaria ler *O trem apitou*, no conto pirandelliano o protagonista Belluca tem a febre cerebral com a inflamação da membrana do cérebro, fala delirando para a encefalite definida pelos médicos frenesia, que é a causa do delírio dele³. A personagem não aceita a condição imposta por a sociedade, o seu protesto e a repulsa ou seja a alienação. A revolta de Belluca contra o chefe do escritório é inconcebível, sendo considerada o efeito duma rápida alienação mental. E, de fato, a personagem vítima se revolta assustando e quase terrorizando todos, gritando que ter ouvido o apito do trem; trata-se de uma extravagância por a qual

³ PIRANDELLO, L., *Il meglio dei racconti di L Pirandello*, Mondadori: Milano, 1993, pp. 205-212.
_____. , *40 Novelas de Luigi Pirandello*, trad. M. Santana Dias, Companhia das Letras: São Paulo, 2008.

ele não aceita de ser julgado mal, nem de ser tratado mal. A sua justificação não é compreendida e é levado à força no manicômio.

Belluca é um escriturário que preenche cadernos de contabilidade, trabalha com números, cadastramentos, cálculos de contador, ao imprevisto muda totalmente e inicia falar de montanhas nevadas, baleias que nadam no mar. Por isso é considerado alienado, ele é louco para a comunidade em estado normal. A personagem da novela pirandelliana tem em comum com o alienista a capacidade técnica do escriturário, ele como o médico machadiano é caracterizado por a mesma frieza. Mas Belluca, de repente, escolhe de recusar a própria condição e quando na madrugada ouve o apito do trem, acorda e descobre o que está além do mundo, fora do grupo social em que trabalha diariamente, até isso momento desconhecido.

Ebbene, signori: a Belluca, in queste condizioni, era accaduto un fatto naturalissimo. Quando andai a trovarlo all'ospizio, me lo raccontò lui stesso, per filo e per segno. Era, sì, ancora esaltato un po', ma *naturalissimamente*, per ciò che gli era accaduto. Rideva dei medici e degli infermieri e di tutti i suoi colleghi, che lo credevano impazzito. Magari! – diceva. – Magari! Signori, Belluca, s'era dimenticato da tanti e tanti anni – ma proprio dimenticato – che il mondo esisteva (PIRANDELLO, 1993, pp. 210-211)

Na sua vida até isso momento ele trabalhou como contador, mas de repente, agora ele ouve o trem apitar e, a partir desse momento, inicia o despertar da sua consciência, descobrindo uma realidade distante da sua pequena condição diária medíocre: o outro mundo fora da normalidade.

C'era, ah! C'era, fuori di quella casa orrenda, fuori di tutti i suoi tormenti, c'era il mondo, tanto, tanto mondo lontano, a cui quel treno s'avviava... Firenze, Bologna, Torino, Venezia... tante città, in cui egli da giovine era stato e che ancora, certo, in quella notte sfavillavano di luci sulla terra (PIRANDELLO, 1993, p. 211)
Ora, nel medesimo attimo ch'egli qua soffriva c'erano le montagne solitarie nevose che levavano al cielo notturno le *azzurre fronti*... Sì, sì, le vedeva, le vedeva, le vedeva così... c'erano gli oceani... le foreste. (PIRANDELLO, 1993, p. 212, grifo do autor)

O despertar da consciência lhe consente de ver o mundo externo, uma realidade linda formada de montanhas cobertas de neve, oceanos e florestas. Além do ambiente frio do trabalho de computista, existe outro mundo em que pode respirar o novo ar de liberdade para a sua consciência: “si solleva dal suo tormento per prendere con

l'immaginazione una boccata d'aria nel mondo" (PIRANDELLO, 1993, p. 212). É um sujeito dilacerado e a primeira ideia dele é afastar-se da realidade opressiva e Belluca precisa de sentir-se livre como a personagem machadiana.

Três ensaios de Pirandello

Resta-nos explicar o porque do enfoque sobre a loucura. Já notamos a afinidade do argumento, mas interessante é assinalar três ensaios de Pirandello nos quais discute sobre o assunto. No caso específico dos versos do poeta português Guerra Junqueiro, Pirandello reflete sobre *Du délire panophobique des aliénés gemisseurs* de Morel; trata-se de um ensaio em que Morel afirma que o poeta sofre de uma doença mental para os lamentos e soluços frequentes, estas personagens de Guerra Junqueiro são consideradas sujeitos com sintomas de doença mental. Segundo o estudo dele é provável que os poetas pré-rafaelita, simbolistas franceses sofrem da mesma doença. Uma absurdidade que o dramaturgo e romancista italiano recusa de aceitar, acreditando que o psiquiatra, definido alienista, exagera aplicando as teorias científicas sem distinções. A propósito, ele escreve neste artigo *Il mestiere del letterato Arte e coscienza d'oggi*

nessuno più si fa scrupolo di penetrare con la lente del medico **alienista** nei domini dell'arte; e per nessuno più è una fatica scoprire le piaghe che offendono e affliggono artisti e letterati. Basta aprire un romanzo o un libro di versi; basta entrare in una galleria o esposizione d'arte moderna. Ecco lì un pittore che è affetto di ambliopia isterica⁴. (PIRANDELLO, 2006, p. 188, grifo nosso)

A alusão é clara: personagens e histórias deles nascem por a mente patológica dos artistas, poetas e escritores. Baste-nos notar o interesse do dramaturgo italiano para a doença mental, um interesse científico que, neste caso particular não pertence a triste experiência da sua esposa, internada no 1919, manifestando a doença a partir do 1906; depois a publicação dos artigos. Posso ilustrar a opinião de Pirandello com este passagem de *Arte e scienza*

Rileggendo nel libro di Alfredo Binet *Les altérations de la personnalité*⁵ quella rassegna di meravigliosi esperimenti psico-fisiologici, dai quali, com'è noto, si argomenta che la presunta unità

⁴ O artigo foi publicado na revista "Nazione Letteraria" (1893). PIRANDELLO, L. *Saggi e interventi*, Meridiani Mondadori: Milano, 2006, p 188 "Il mestiere del letterato".

⁵ BINET Alfred, *Les altérations de la personnalité*, Félix Alcan: Paris, 1892. BINET Alfred, *Les altérations de la personnalité, Le alterazioni della personalità*, trad. Chiara Tagliavini, Fioriti editore: Roma. 2011.

del nostro io non è altro in fondo che un aggregamento temporaneo scindibile e modificabile di vari stati di coscienza più o meno chiari⁶ (PIRANDELLO, 2006, p. 587)

Os estudos de teorias sobre a psiquiatria são superficiais e presunçosos, porque julgam os artistas doentes mentais. Neste sentido, trata-se de absurdidades que fazem rir, e nos também imaginamos Machado rir, usando a ironia e a paródia no mesmo estilo de escrita de Pirandello, o qual diz que:

Ma ci vuol proprio molto a intendere che la genialità non è, fondamentalmente, né può essere una specie di malattia mentale? Il pazzo è o prigioniero di un'idea fissa e angusta o abbandonato a tutti gli eventi miserevoli d'uno spirito che si disgrega e si frantuma e si perde nelle proprie idee; senza varietà cioè senza unità: il genio, invece, è lo spirito che produce l'unità organatrice dalla diversità delle idee che vivono in lui, mediante la divinazione dei loro rapporti; lo spirito che non si lega ad alcuna idea, la quale non diventi tosto principio d'un movimento vitale: unità cioè e varietà (e rinvia a una nota a piè pagina: G. Séailles, *Le genie dans l'art*, Alcan, Paris, anno?) (PIRANDELLO, 2006, p. 589).

Pirandello reflete sobre os presuntos casos patológicos pertencentes ao ambiente artístico e comenta com ironia as teorias psiquiátricas do gênio artista, do escritor e do poeta, julgados loucos.

Parimenti è difficile tenere a freno una risata nel vedere come questi professori di critica antropologica o fisiologica non riescano a comprendere che se l'artista, in quel suo libero movimento vitale, talvolta crea leggi ch'egli stesso ignora, può tal'altra anche sacrificare la così detta logica comune a un superiore effetto d'arte, perché il vero dell'arte, il vero della fantasia non è il vero comune (PIRANDELLO, 2006, p. 589).

Aqui Pirandello reflete sobre as teorias de Spencer *Principles of psychology* até chegar ao pensamento filosófico de Benedetto Croce, segundo o qual é importante descobrir a origem da inspiração artística (narrativa, poesia, pintura, escultura), base da estética crociana. A inspiração artística é considerada válida quando é coerente com as categorias de “bello” e “brutto”⁷. As reflexões de Pirandello surgem pela ideia que o erro fundamental é acreditar a existência de distinções entre classes, atribuindo valor

⁶ PIRANDELLO, L. *Saggi e interventi*, op. cit., p 587.

⁷ CROCE B., *Estetica come scienza dell'espressione e linguistica generale*. G. Laterza & Figli: Bari, 1908. <https://archive.org/stream/esticacomesci00crocgoog#page/n611/mode/2up> Acesso: 28/9/2017.

negativo ou positivo a cada uma categoria. Daí observamos que há outra afinidade com Machado e, acima de tudo, um fio conceitual comum.

Portanto, surge a nossa pergunta para compreender qual é o significado deste trechos e qual é o objetivo final da nossa leitura interpretativa; na verdade, acredito que foi fundamental a importância da nova ciência, a psiquiatria na mesma época de dois escritores. Ora, creio seja relevante voltar a nossa atenção para Sigmund Freud, conhecido como o fundador da psiquiatria, autor de *Sulla teoria dell'attacco isterico*, (1892) uma novidade sensacional para a época, mas não podemos ignorar a colaboração dele com o seu professor Joseph Breuer.

Breuer foi médico e fisiologista vienense, o primeiro cientista que elaborou a “Teoria di Brucke” pela qual existe uma forte energia que se desenvolve no sistema nervoso, mantenedo-se ativa no corpo. Tentou de cuidar a depressão, a hipocondria e a histeria de uma paciente. Para a primeira vez na história, ele aplicou o método da hipnose para cuidar os pacientes com doença de histeria, usando o método catártico, ou seja, deixando que os indivíduos pudessem externar as próprias fobias ou loucuras durante a hipnose. Alguns estudiosos acham que Machado foi influenciado pela doença da esquizofrenia e por isso foi inspirado para escrever *O alienista*. Mas de fato creio que a sua novela é contracorrente respeito à psiquiatria nascente, os enredos que aludem a doença mental são considerados uma reação do escritor a sua condição de isolamento para ser mulato, órfão e epilético desde da infância. Em vez disso, eu acredito que a fantasia e o talento criativo dele foram inspiradas pelas teorias da psiquiatria nascente, difundida na Europa no fim do século XIX. Sabemos que Machado foi sempre interessado sobre a cultura europeia e as novidades científicas. Podemos supor e imaginar que ele conheceu Joseph Breuer para a sua doença, mas, na verdade, ele tinha unicamente interesse científico para novas teorias da hipnose. Primeiramente o seu olhar narrativo foi criativo, imaginativo e no mesmo momento inventivo e engenhoso; além disso, sabemos que ele foi jogador de xadrez como o médico vienense Breuer. É uma coincidência? Creio que, acima de tudo, a sua contribuição, definida anti-psiquiátrica e os frequentes referências à problemas mentais de saúde confirmam o interesse e a curiosidade para a análise da mente, para as abordagem do indivíduo à realidade, para o modo de se comportar e, enfim, para as mudanças do seu caráter. Neste caso o papel do

narrador é controlar o desenvolvimento das histórias como se fosse o jogo de estratégia e de tática de um ótimo enxadrista.

Personagens e enredos são inventadas por a fantasia dramática de dois escritores, os quais têm criatividade narrativa e um talento fantástico; parece que a realidade abrangê-los, como um teatro em que passam vários tipos humanos, contando a própria história, explicando o que está em jogo. Assim sendo, o nosso estudo pode aprofundar o aspecto psicanalítico e sociológico, descobrindo também interessantes cenários no contexto histórico relacionado com os dois escritores. Em Machado e Pirandello o ser humano é desorientado e perplexo, em conflito com a sociedade na qual está vivendo, e tenta de enfrentar o existência adversa e inimiga com determinação e com a sua autoafirmação, no caso de Machado o indivíduo se apresenta forte e determinado, tenaz quase obstinado, sendo acionado por uma força que não pertence ao ser humano, segundo a minha interpretação. Relendo as novelas e os ensaios de Pirandello, observamos as afinidades do enredos. Trata-se de um encontro virtual que tem uma explicação simples: a crise do homem no mesmo período histórico em que estava nascendo a psiquiatria, o evento mais importante da ciência médica. Não há dúvida que Machado é o gênio da narrativa moderna.

Em *Soggettivismo e oggettivismo nell'arte narrativa* Pirandello afirma que o escritor é caracterizado por um subjetivismo de caráter, ou seja por um temperamento individual e único. Nesse sentido, a nova ciência examina os processos de consciência e a abordagem do sujeito no mundo externo.

Tutto il cammino percorso in pochi anni dalla psicologia contemporanea ha dimostrato le ragioni per cui ai processi in genere della coscienza si davano i caratteri di necessità meccanica e di fissità quasi materiale, mettendo in chiaro che il mondo è rappresentazione solo in quanto lo consideriamo facendo astrazione dal soggetto, da noi; è rappresentazione e volontà in quanto lo consideriamo come ci si presenta direttamente alla coscienza, nella quale troviamo appunto in intimo e inscindibile legame e in continua azione reciproca quei due elementi che la vecchia psicologia teneva disuniti: i sentimenti e le rappresentazioni; donde la variabilità di queste considerate direttamente (PIRANDELLO, 2006, pp. 685-712)

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Nova Aguilar: 1994, v. II.
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000231.pdf> Acesso: 28/9/2017

_____. *Cronache brasiliane*. Lindau: Torino, 2016.

BINET, Alfred. *Les altérations de la personnalité*. Félix Alcan: Paris, 1892.

_____. *Le alterazioni della personalità*. Trad. Chiara Tagliavini, Fioriti editore: Roma, 2011.

CROCE, Benedetto. *Estetica come scienza dell'espressione e linguistica generale*. Laterza & Figli: Bari, 1908.

<https://archive.org/stream/esteticacomesci00crocgoog#page/n611/mode/2up>
Acesso: 28/9/2017.

DEGANI, Francisco. *Pirandello novellaro, da forma à dissolução*. Nova Alexandria: São Paulo, 2009.

_____. *Pirandello e a máscara animal*. Nova Alexandria: São Paulo, 2015.

FREUD, Sigmund. *Obras completas. Estudo sobre a Histeria (1893-1895)*, v. 2. Trad. Laura Barreto e Paulo César de Souza, Companhia das Letras: São Paulo, 2016.

PIRANDELLO, Luigi. *Il meglio dei racconti di Luigi Pirandello*. Milano: Mondadori, 1993.

_____. *Saggi e interventi*. Milano, Meridiani Mondadori, 2006.

_____. *40 Novelas de Luigi Pirandello*. Trad. M. Santana Dias. Companhia das Letras: São Paulo, 2008.